

BRUXA: DA CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM À DESMISTIFICAÇÃO DO SUJEITO¹

CARVALHO, Camila²

RESUMO

Descartando a figura estereotipada de feiticeira, construída em filmes infantis tão marcados em nossas memórias, Russel e Alexander (2008) discutem a definição adotada quanto à existência histórica da bruxaria: “A existência ou não de bruxas está intimamente relacionada à definição adotada para caracterizá-las”. Partindo da análise destes autores, buscarei definir o que era uma bruxa e como ela era representada na sociedade medieval. Em um primeiro momento nos ocuparemos da interrogação conceitual: *O que é uma bruxa?* Com base nos primeiros conceitos e palavras utilizadas para se referir a tal, proponho uma discussão sobre quem eram estas mulheres a partir da concepção de feitiçaria europeia, buscando tratar dos significados ligados à bruxa, desmistificando outros sujeitos que são erroneamente comparados como praticantes de bruxaria. Com base na fonte referida acima, tento traçar o que caracterizava uma mulher como bruxa, através das suas próprias práticas e da mentalidade dessa sociedade em que ela está inserida. Em um segundo momento, proponho uma discussão sobre *a função social da bruxa*, de acordo dos autores Marconi (2008) e Clark (2006), discorrendo sobre qual era o papel da mulher na História da sociedade desde o seu desenvolvimento. O objetivo deste trabalho é aprender como se deu a transformação do papel da mulher na sociedade, de uma função central, por conta de seus dons e conhecimentos da natureza, para se tornar obsoleto, passando a ser classificada de bruxa quando suas práticas e seus padrões não eram aceitos pela sociedade e religião em questão.

Palavras-chave: Bruxaria; mulher; sociedade.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é descartar a imagem da feiticeira que teve suas práticas perseguidas e modificadas através dos séculos e do nascimento de novas crenças, discutindo função da mulher que era classificada como bruxa, partindo da representação da mesma para sociedade europeia medieval e moderna. Com base nos autores Russel e Alexander (2008) que discutem a definição adotada quanto à existência da bruxaria enquanto sujeito histórico, proponho uma análise arriscando definir o que era uma bruxa e como ela foi construída e representada socialmente.

¹ Artigo produzido para apresentação durante a XV Semana de História pela UFMS/CPTL, sob orientação do Profº Dr. Ronaldo Amaral.

² Acadêmica do 8º semestre do Curso de História, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Lançando mão dos conceitos que eram utilizados para se referir as praticantes de feitiçaria, exponho o que a imagem da bruxa representava para a sociedade, traçando o que caracterizava uma mulher como bruxa através de suas práticas e da mentalidade da população europeia. A partir dos autores Kramer (1991), Marconi (2008) e Clark (2006), levanto um diagnóstico a cerca da mulher na sociedade medieval e moderna, tratando de como passou a ser temida e acusada com o surgimento da religião Cristã. Revelando traços do que levou a um dos maiores genocídios da História.

O QUE É UMA BRUXA?

Este capítulo é baseado na introdução de *História da Bruxaria* de Russel e Alexander (2008), então para que possamos iniciar uma discussão a cerca do que é uma bruxa começarei com o significado da palavra “*witch*” de origem inglesa, que refere-se a quem se relaciona com religião e magia, e até hoje, é a mais utilizada para referenciá-las, mas cabe aqui ponderar ainda sobre os desdobramentos e a origens desta e outras palavras e seus significados para considerar episódios posteriores - visto que a religião pagã teve vários desdobramentos, existindo até os dias atuais.

Witch foi derivada de outra palavra de origem indo-européia *weik* que se refere à magia e religião e originou ainda outras quatro palavras segundo descreve Russel e Alexander (2008): Primeiro - *wih-l*, que deu origem ao inglês antigo *wigle* que significa feitiçaria e *wiglera* feitiçeiro, e através do francês antigo e médio o inglês moderno *guile*, ou o inglês antigo *wil* e o moderno *wile*. Segundo – do norueguês antigo *wihl*-, quer dizer astúcia. Terceiro – *wik*-, refere-se a santo, sagrado, que no alemão *wihen* posteriormente *weihen* vai se referir a consagrar, no alemão alto médio *wich* quer dizer santo e no latim *victima* quer dizer sacrifício. Quarto – *wikk*-, refere-se à magia, feitiçaria que no alemão médio *wikken* significará predizer e no inglês antigo *wicca*, *wicce* bruxo/bruxa e *wiccian* fazer feitiçaria, sortilégio, feitiço, e de *wicca* se deriva o inglês médio *witche* e o moderno *with*.

Aqui irei debater a cerca da bruxa(ria) na Europa Ocidental, fazendo um recorte temporal do final da Idade Média ao nascimento da Idade Moderna. É importante abandonar as imagens da bruxa que foi construída no imaginário e reproduzida em contos de fadas e filmes, representadas geralmente por velhas horrendas com roupas de farrapos, chapéus pontudos, cheia de verrugas e voando em suas

vassouras às gargalhadas³, este personagem, com exceção dos contos, filmes e festas à fantasia, absolutamente, não existe.

Mas Russel e Alexander afirmam que bruxas realmente existem, e que atualmente a bruxaria é reconhecida como religião. A questão principal é qual o tipo de pergunta que irá responder sobre a existência ou não de bruxas, e a resposta “está intimamente relacionada à definição adotada para caracterizá-las” (2008: 9). Portanto vamos desmistificar uma imagem moldada pela inquisição e transmitida através do tempo no imaginário e desde já deixar claro alguns grupos que tem suas características normalmente relacionadas à bruxaria, mas não são: o curandeiro pratica magia com o propósito de combater bruxaria, a possessão (ataque interno de maus espíritos) e a obsessão (ataque externo e físico por maus espíritos) não estão relacionadas à bruxaria, mesmo sem aprofundar tais sujeitos não é o propósito aqui, pensá-los.

Cabe ainda relatar que existem diferentes culturas praticantes de feitiçaria, dessa forma, como trato aqui da cultura europeia, deixo claro que conforme apontam os autores do livro, a missa negra⁴ não é parte da bruxaria (porém a Inquisição tratava dos sabás como tal), muito menos da bruxaria moderna, assim como o satanismo não faz parte. Outro erro comum é afirmar que a bruxaria é um fenômeno da idade média, e também, não se trata de superstição e não é sobrenatural.

Desde a antiguidade, conforme discorre Marconi (2008), as mulheres tinham um papel essencial na cultura, eram prestigiadas por seus dons naturais (a menstruação, a gravidez, a amamentação) e seus conhecimentos medicinais através das plantas, frutas e raízes. Enquanto a mulher tinha em seu exercício social, uma função central cheia de desdobramentos, o homem, por sua vez, tinha a função de caçador nessa sociedade. Em o “Martelo das Feiticeiras” (Kramer e Sprenger, 1991), temos uma “breve introdução histórica” sobre as mulheres, que remete à Marconi. A autora relata que nas sociedades matriarcais as mulheres eram elevadas a funções de deuses por seus poderes naturais e seus conhecimentos sobre a natureza durante a cultura de coleta e caça; a mulher era um ser sagrado e essa valorização feminina desenvolveu no homem o desejo de seus

³ Grifo meu, relembro sempre de uma gargalhada macabra que as bruxas soltavam ao conseguirem praticar uma maldade em filmes.

⁴ Missa negra: Ou Sabás, eram os Rituais de bruxaria descritos pela Inquisição como as festas oferecidas ao demônio (quando o próprio não participava), acreditava-se que os rituais eram feitos de práticas que satirizavam os rituais católicos, onde se entrava em transe, renegava a fé cristã através dos atos carnais, sacrifícios e danças. Apesar dos dois conceitos serem usados para referenciar festividades não cristãs o sabá só surgiu no final da idade média e era relacionado para abordar as práticas da “velha religião camponesa” que tinham resquícios do paganismo.

poderes pois, se sentia marginalizado diante da importante função feminina, inatingível para a figura masculina, que ainda não conhecia sua parcela na função reprodutiva.

A partir dessa “inveja do útero” se criou dois ritos masculinos, onde se praticava de formar artística uma ritual de imitação ao parto, usando artefatos de madeira e instrumentos musicais. Com estes rituais o homem desenvolveu seu “poder cultural”, a mulher ainda possuía o “poder biológico” e, ainda não havia centralização dos sexos, mas a partir do desenvolvimento do poder cultural masculino, fazia-se uma espécie de rodízio de lideranças, marcando o início do rompimento harmônico entre os sexos. Um fator importante que marca esse quebra é busca por animais, que ficam escassos. Nesse período, as disputas entre outros grupos se inicia. Apesar de cada papel se manter, os homens mais fortes começam a serem valorizados, marca-se então o início da estratificação social e sexual nas sociedades.

No período Neolítico o homem conhece sua função reprodutora e passa a controlar inclusive a sexualidade, uma das formas de manter o controle sob a mulher é o casamento, a mulher se torna propriedade do homem. Essa transformação da sociedade em patriarcal, condiciona pelos séculos, leva a mulher a perder seus prestígios dentro desta sociedade. A partir do domínio e manuseio dos metais a população deixa de ser nômade, todavia, há registros antropológicos de que foram as mulheres que descobriram os ciclos da natureza ao compararem com os ciclos do próprio corpo, foram às primeiras plantadoras e ceramistas; na era agrícola o homem passa a trabalhar a terra, nesse período a mulher é restringida a esfera doméstica, subordinada economicamente e socialmente pelo homem, por tabela, submissa.

Segundo uma das maiores pensadoras feministas citadas no texto, Marilyn French, a criação do mundo se divide em quatro tempos mitológicos: Primeiro o mundo é criado por uma deusa mãe, sem auxílio de ninguém (mito grego); depois é criado por um deus andrógeno, ou um casal (mito chinês); depois o deus homem cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial (mito sumério); e por fim o deus macho cria o mundo sozinho (mito cristão). Javé representa bem o último mito da criação que justifica toda a construção do mundo e cultural, pois a religião moldou a população, o qual remete a inferioridade feminina, que recebe culpabilidade pelas dores do mundo de tal forma que garante sua marginalização por muito tempo (Muraro, in: Kramer e Sprenger. O martelo das Feiticeiras, 1991).

“Pusera-se o sol e as pessoas honestas estão dormindo. As bruxas (bem que hajam também alguns bruxos) deslizam silenciosamente para fora de suas

camas, assegurando-se de que não perturbaram o sono de seus maridos (ou esposas se for o caso). Prepararam-se para o sabá. [...]” (Russel e Alexander. 2008, 43).

Ao deixarem seus parceiros e suas casas, as bruxas se dirigiam para o local, as que habitavam perto seguiam caminhando, as que residiam mais longe careciam de ir a um ponto secreto untar o corpo de unguento⁵ que as permitiriam levitar, e seguiam montadas em estacas, vassouras, tambores, sebes ou animais. A reunião acontecia em locais secretos, porões, cavernas ou terrenos planos de plantas rasteiras, se reuniam de 10 a 20 bruxas. Quando eram feitas cerimônias de iniciação, a neofita acabava se conectando tanto que não conseguiria sair, por conta da renúncia a Fe cristã simbolizada por calçar crucifixos e defecar em uma hóstia consagrada, juramento de segredo, pela adoração ao mestre masculino, feita através de um beijo nas nádegas e a exposição de um corpo de uma criança morta ao grupo na reunião consequente. Após a conclusão de iniciação toda a assembleia participa de um banquete, fazendo uma paródia ao festim eucariástico, no jantar serviam os corpos de crianças mortas, que foram roubadas ou era fruto das orgias, as vítimas eram sacrificadas e oferecidas ao diabo no ritual. Os corpos eram cozidos e misturados com substâncias do unguento de levitação ou eram consumidos carne e sangue fazendo ridicularizando a cerimônia da Santa Ceia. Após a pândega, animais põem a baixo os candelabros que iluminam o local para iniciar a orgia. Homens e mulheres se misturam sem diferenciar sexo ou parentesco entre os membros, ao final bruxos e bruxas se despendem de seus mestres e retornam satisfeitos para suas casas ao encontro de seus cônjuges que ainda dormem, cabe ressaltar a presença do próprio demônio ou de um representante no sabá.

Russel e Alexander (2008) relatam o texto descrito a cima em retrato a um ato da bruxaria medieval escrito nos séculos XV e XVI durante a caça as bruxas, narrando o que seria um sabá, porém, segundo os próprios autores, não acontece em outro local se não na imaginação e em narrações exageradas, entretanto mesmo excedidas e inventadas causou temores, perseguições e quase 100 mil mortes em toda a Europa Ocidental. Por isso, cabe questionar quais são as origens destas crenças e quais padrões sociais e psicológicos que as produzem e suas consequências sociais.

Essa figura histórica da bruxa enquanto personagem de contos populares e sonhos (pesadelos mais precisamente) causam temores mesmo que inconscientemente,

⁵ Uma espécie de pasta preparada a partir de plantas com essências alucinógenas, utilizada anteriormente aos rituais de bruxaria.

o que acontece é que a feiticeira representava uma força incomum, sobrenatural que não fazia parte do mundo, sobre tudo de um mundo cristão, totalmente distante de pessoas proferidas normais, sendo a força desta bruxa maléfica ou não ela não faz parte do padrão social vigente, e conforme aponta Brooks e Alexander (2008) por isso é tão odiada, principalmente no período de caça as bruxas.

FUNÇÃO SOCIAL

A transformação da feitiçaria em algo ruim foi um longo processo de transformação da sociedade e da religião pagãs, mesmo que de forma gradual aconteceu por toda a Europa Ocidental. Santo Agostinho, como grande influente cristão afirmava que a magia, a religião e a feitiçaria pagãs eram obras inventadas pelo diabo e ao referenciar deuses pagãos, ciente ou não do feito estavam na verdade invocando demônios. Esse argumento usado pelo Santo e pela igreja tornou não católicos em verdadeiros monstros crédulos da recém-nascida divindade, que corria riscos diante da ameaça maléfica, portanto deveria ser extinta para não atrapalhar a salvação do mundo, pois a prática de feitiçaria era um crime contra a sociedade e contra Deus.

Cada vez mais os “espíritos maléficos” eram humanizados na figura da bruxa, exaltados pela levitação com o uso do unguento, os animais, o ritual renunciando a Deus e se oferecendo a satã, os feitiços e sortilégios, os sabás, orgias e sacrifícios, relatados a partir de contos populares e propagados pela igreja, rico em detalhes. Apesar do período de tolerância da Alta Idade média, que castigava a heresia e a feitiçaria com penitência de dois a três anos como descreve os autores, durante a Baixa Idade Média e o período da Renascença, as leis contra os crimes ficaram cada vez mais duras, notáveis pelo número de execuções no Império Romano e enforcamentos ocorridos na Baixa Idade Média. Conforme os autores relatam o objetivo das ações drásticas era reduzir até acabar totalmente com as práticas pagãs.

A cultura popular camponesa teve uma função central na transformação da feitiçaria em bruxaria, os autores relatam que nos séculos XII e XIII histórias sobre feitiçaria se aproximam cada vez mais da figura do Diabo.

“As bruxas entram nas casas das pessoas durante essas jornadas noturnas. Perturbam quem está dormindo sentando sobre seus peitos e causam pesadelos de sufocação e quedas. Tem relações sexuais com homens adormecidos. Sugam o sangue e roubam crianças pequenas de seus leitos e revolvem cercas e arcas em busca de alimentos. Assumem ao seu bel-prazer, a forma de gatos, lobos ou outros animais” (Russel e Alexander. 2008, 71).

Sabe-se que as culturas populares transmitiam suas crendices oralmente, inclusive, por isso muito se perdeu ou se transformou, não seria diferente com a cultura pagã da feitiçaria, porém, cabe ressaltar que estas histórias tradicionais e literárias em algum momento se tornaram escritos eruditos.

Com o crescimento da teologia Russel e Alexander (2008) relatam que a partir do século XII a preocupação com o diabo se alastrou, e essa influencia da cultura camponesa, por meio dos julgamentos remetem os primeiros textos patrícios, ainda neste século mesmo sem conhecer a religião pagã debatida, novos elementos foram inseridos na mesma, por exemplo, o pacto e os rituais com satã foram bem trabalhados, os detalhes culturais ressaltados para estabelecer coerência que desse uma justificativa plausível para a perseguição. Além dos escolásticos que foram adiante com a ideia do pacto, também foram os responsáveis por ligarem a tradição da bruxaria como uma “tarefa predominantemente feminina” sendo a única figura masculina presente representada pelo próprio Satã.

A cada condenação a imagem da bruxa era inserida mais na cultura e na mentalidade popular cristã, os inquisidores eram instruídos a extraírem declarações de práticas hereges através de torturas, interrogatórios e ameaças, elas existindo ou não.

Para poder entender o contexto no qual se enquadra o conceito de bruxaria é necessário apresentar as condições e relações sociais onde o sujeito no qual trato foi delineado. “A principal virtude é o reconhecimento de que as ideias não se desenvolvem em um vácuo, e que as relações sociais contribuem muito para modelar as percepções da realidade.” (Russel e Alexander. 2008: 114).

Tendo como referência questões religiosas a respeito da condenação da bruxaria, de acordo com os autores Brooks e Alexander (2008) já que tratamos de um período de notável ascensão da religião cristã, outros significados a cerca da cultura pagã não são considerados aqui, tais como seu significado ético, espiritual e intelectual, discutindo apenas a partir dos desdobramentos do novo Deus. Pois a intenção é desvelar em qual circunstância a mulher acusada de praticar feitiçaria estava inserida na sociedade.

Primeiramente cabe deixar claro que tratamos de uma religião vigente dual, pois existem duas forças antagônicas (bem e mal). E por conta de uma necessidade mesmo que de forma inconsciente este mal precisava estar presente de alguma forma para que o bem o pudesse combater e ascender no julgamento do povo. Segundo os

autores, este mal eclodia nos “infortúnios da vida cotidiana”. E a bruxaria foi uma forma de humanizar o mal e por tanto, puni-lo.

Quando Books e Alexander (2008) narram a respeito de historiadores sociais que relacionam a bruxaria com outros fenômenos, e desvelam a classificação física da qual me preocupei em anular logo no início do texto, sobre a caricatura da bruxa, pois mulheres de todas as idades eram incriminadas por bruxaria, raras vezes crianças também, porém os maiores números de acusações são de mulheres entre 50 e 60 anos apontam os autores, pois os conhecimentos de magia eram pautados a idade (ou o aperfeiçoamento de feitiços com o passar dela), homens também eram acusados, mas em números menores.

A pesar do domínio feminino na cultura da bruxaria ter ocorrido em todos os períodos e regiões, as mulheres solteiras, viúvas e mais pobres eram as maiores vítimas das acusações de práticas de feitiçaria. Com as transformações demográficas, um número crescente incomum de mulheres morando sozinha e se casando mais tarde, é uma mudança notável, além do afastamento dos mosteiros e da dedicação cristã. Estas mulheres estavam sujeitas a acusações por estarem isoladas, infelizes, sem proteção masculina, serem pobres, rabugentas, resultou em um fenômeno que durou todo o período de caça as bruxas. Como não estavam posicionalmente amoldadas aos padrões formais da sociedade e religião, eram alvos fáceis. Entramos em um ponto importante da pesquisa, pois de acordo com os autores Brooks e Alexander (2008) é notável a diferença entre acusados de praticantes de magia entre as classes abastadas e as classes miseráveis.

“Ladrões, delinquentes sexuais, rufiões, parteiras e brigões tinham maior probabilidade de ser acusado. Por outro lado magistrados, mercadores, e professores também eram alvo comum de denúncias, embora a nobreza, os médicos, os advogados, os estudantes não fossem [...]” (Brooks e Alexander. 2008, 117).

Ainda que em tempos de grandes epidemias, se sobrevivessem ao parto como relata os autores, as mulheres tinham um tempo de vida muito mais elevado que os homens, sendo o sexo frágil (inferior), eram comum suspeitas de mulheres que buscavam através da feitiçaria garantir a própria sobrevivência. Sabemos muito bem que desde os primórdios da existência humana em comunidade, plantas eram usadas para diversas funções, Marconi (2008) afirma que os usos iam da alimentação à tratamentos medicinais, manipuladas sempre por mulheres. Seria estupidez deixar de usa-las agora. Mas a ligação entre a mulher e a bruxaria, por conta de seu status social aumentava

ainda mais se fosse solitária e ganhasse mais algumas características já citadas (idosas, rabugenta, pobre, etc.), tornando a mulher o alvo fácil e primoroso, relacionando inclusive à heresia, pois segundo apontam Brooks e Alexander (2008), eram marginalizadas, impedidas de ascender socialmente e de participar das atividades cotidianas, portanto do dia-a-dia religioso.

Na sociedade da Europa ocidental conforme expõem os autores, pelo menos três fontes cristalizam a interiorização da mulher na sociedade: a tradição literária, pelo papel de submissão em relação ao homem, a religião hebraica, onde as mulheres são nitidamente inferiores e o dualismo que a pesar de colocar mulher e homem no mesmo nível a teologia cristã tradicional através do próprio Deus masculino fez questão de projetar na mulher o pecado, o mal. Em estudo sobre simbolismo feminino é apontado uma ambivalência poderosa, pois há domínio masculino na religião, na literatura e no direito civil, a mulher representa a pureza através da virgindade, da mãe carinhosa, mais também é a megera maléfica e carnal. Na sociedade que abordamos, através da cultura ocorre um choque muito grande entre os sexos, pois o Deus uno é masculino e os princípios femininos foram excluídos desse Deus, deste modo tornados mal.

As diferenças sociais foram ainda mais estratificadas quando houve a migração do campo para as cidades, além dos novos grupos as pessoas tinham de lidar com novas situações cotidianas. Essa transformação demográfica ocorreu em meados do século XIV e XVI, segundo os autores Brooks e Alexander (2008) ocorreu um grande choque durante essa transição por conta da vida relativamente tranquila no campo em comparação com a estrutura da cidade, que paulatinamente desintegrava as tradições existentes até então. O medo é um fator de grande relevância, por que ele já existia no campo e na cidade ele é difundido pela necessidade das novas relações e ligações sociais.

No campo a acusação de bruxaria era feita normalmente por vizinhos e conforme relatam Brooks e Alexander (2008) os supostos motivos estavam ligados pedidos de ajuda ou caridade negados, falta de convites em ocasiões especiais e festivas, esse padrão era comum até o século XVIII na Inglaterra e deixaram de existir em séculos anteriores em outras regiões da Europa conforme crescia, mas com o desenvolvimento das cidades especialmente em regiões da França e Alemanha as bruxas eram vistas como uma grande “conspiração contra a sociedade cristã”.

Como relata Byinton (1991) no prefácio de “O Martelo das Feiticeiras”, o mito Cristão, teve um papel fundamental na formação cultural da sociedade moderna, pois

houve uma modelagem nos padrões sociais. Levando em consideração o que o psiquiatra fala, pode-se dizer a partir dos arquétipos e dos símbolos esses padrões de consciência “se tornam dominantes em um período e depois cedem a outros” (p. 23) que entendemos dar-se no cristianismo, onde ocorre um choque cultural na religião e consequentemente na sociedade, pois os arquétipos que atingiram praticamente toda a população a partir das novas crenças foi inserido no âmbito particular na essência do ser e refletido no âmbito cultural.

O estudo do autor refere-se à criação de símbolos, que projetem e formulem crenças baseadas em coisas que possam fazer sentido, dessa forma criaram-se símbolos cristãos, e a partir deles o autor denomina o símbolo do mal como “sombra”, portanto é patológico aos símbolos da igreja, mas foi através dela que se formou os símbolos da bruxa e do demônio, esse símbolo do mal cresceu de forma progressiva, trabalhando na modificação de toda a consciência cultural a partir dos arquétipos.

É importante falar dessas criações e modificações de forma que possamos ir mapeando algumas construções de padrões dos julgamentos de bruxas na sociedade, de acordo com os inquisidores, que conforme discorre o próprio Byinton (1991) ao falar do *Malleus Maleficarum*⁶ e seus escritores inquisidores, observa-se uma verdadeira obra de ódio a mulheres, que teve incorporado a si um monte de atribuições sombrias, poderes diabólicos e “conotações machistas” para justificar as práticas de torturas e mortes. De acordo com o autor, todo o ódio é fruto de uma sociedade reprimida não apenas sexualmente pela igreja, mas além, como fruto de uma dissociação patológica. O autor relata ainda que todos os atributos de mau gosto incorporados à figura feminina são mais uma forma de acabar com a alguma boa imagem da mulher (ou o que restou dela), inclusive de freiras, transferindo o culto matriarcal para a relação entre “o demônio e suas amantes bruxas”, pois mesmo a imagem da mãe adorada era transformada em figura de mulher refreada com fortes “poderes de sedução”. Como já foi dito, os domínios atribuídos às bruxas não se limitavam ao campo material, ia para além das capacidades humanas, isso devido a sua íntima relação com satã, desenvolvendo através da mulher um símbolo do mal.

“Da mesma forma que a psicose paranoide reforça o poder das forças perseguidoras na proporção em que a doença mental progride a inquisição foi incrementando e codificando os poderes do Diabo e das bruxas, a ponto de eles poderem ser responsabilizados por uma capacidade

⁶ Obra escrita por dois inquisidores, utilizada como manual de condenação durante o período de caça as bruxas.

de exercer qualquer malefício humano e sobre-humano, inclusive com a produção de tempestades” (Byington in: Kramer e Sprenger. O Martelo das Feiticeiras. 2008, 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando que as religiões pagãs são um vasto campo de crenças, práticas e culturas diversas, pode-se concluir que deve haver muito mais símbolos e práticas que as apresentadas neste artigo. Por tanto cabe questionar quais eram as reais práticas e rituais que de fato aconteceram em seu tempo, além dos muito bem inventados e disseminados pela Europa através da igreja. O que cultuavam que deixou crentes por toda parte, resistindo mesmo após as perseguições?

Em determinado período no século XX as crenças populares finalmente rejeitava a existência de bruxaria como algo diabólico, intelectuais e estudiosos do assunto afirmavam ser uma religião natural de origem germânica, de acordo com Russel e Alexander (2008) se manteve por toda a idade média e tem resistido ao tempo e as críticas até os dias de hoje.

Como os interesses neopagãos e por ocultismo aumentou nos fins do XIX, e ainda é impregnada de símbolos relacionados ao diabo por toda a Europa, finalmente no final da segunda grande guerra essas crenças caíram rapidamente, tomando características particulares de acordo com a região e a cultura. A ascensão da bruxaria e suas transformações, mesmo se tornando popular em algum momento, cabe questionar qual exatamente, algumas regiões camponesas ainda suspeitavam e perseguiam mulheres idosas e solitárias, por desconfiarem de serem praticantes.

As novas práticas de bruxaria são assumidas como religião, e de acordo com os autores tem características enraizadas nos finais do século XVIII e XIX, da bruxaria romântica e do iluminismo. Acreditavam que a bruxaria medieval foi uma forma de sobrevivência do “paganismo pré-cristão” e que foi fundamental para firmar a bruxaria como uma identidade religiosa. Portanto é necessário investigar como se deu esse processo e quais foram seus percussores.

Acredito ser válido ainda aqui salientar qual é a perspectiva da bruxaria moderna antes de encerrar, de acordo com Russel e Alexander (2008) os praticantes dessa religião se consideram a classe “escorada no cenário rejeitado”, pois ainda são rejeitados pelas religiões populares e dominantes, e por isso se meditam ainda como resistência. A atitude religiosa se baseia em quatro perspectivas (que merecem ser investigadas): animismo; politeísmo/panteísmo; feminismo e reciprocidade espiritual.

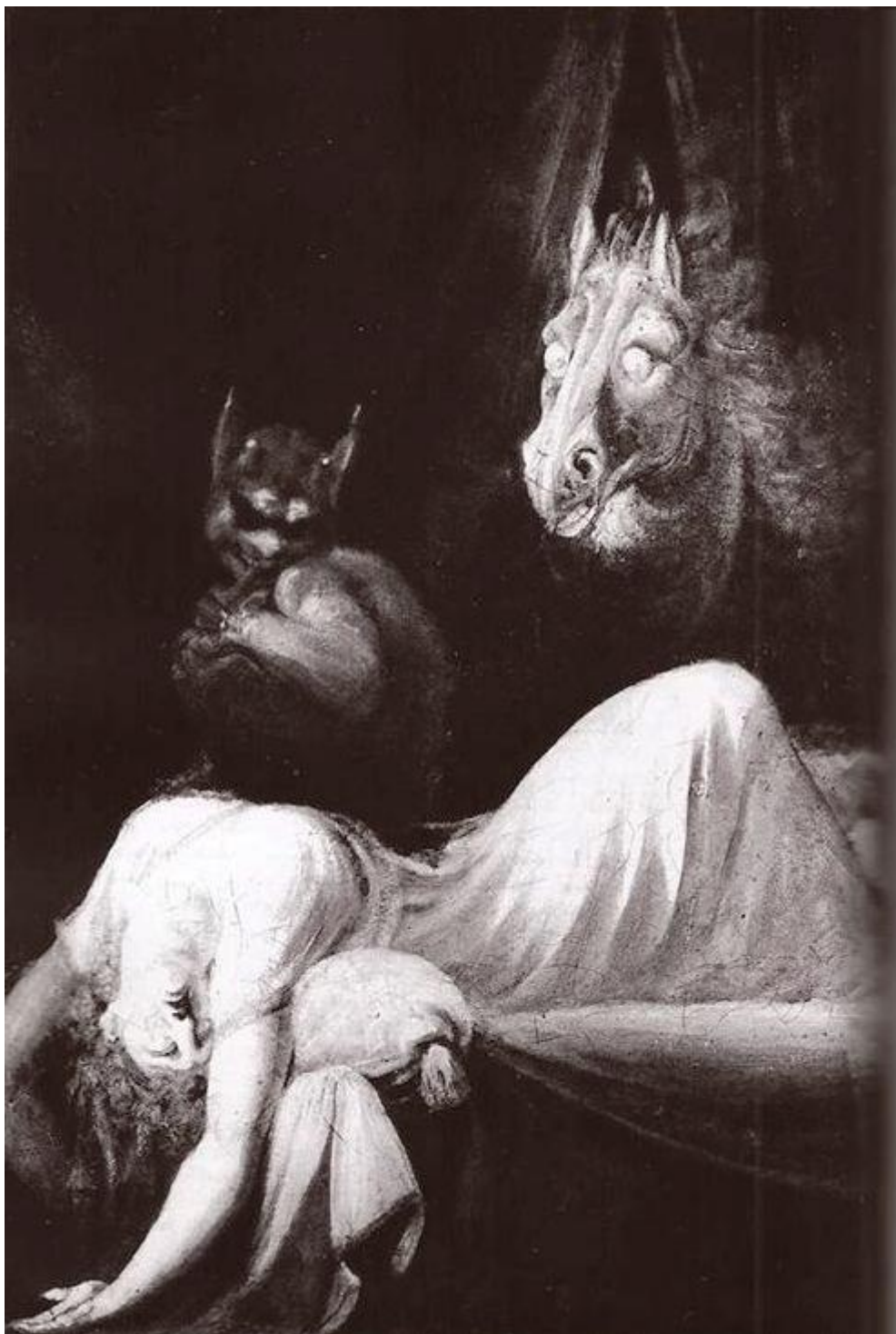
Pois veem o divino não apenas como múltiplo, mas também acessível, seja para a iluminação ou para poderes ocultos, repudia o conceito de pecado e é centrada no feminino, alicerçada na terra e sensível ao meio ambiente e sobre tudo acredita na reciprocidade dos atos cometidos.

ANEXOS:



7

⁷ Imagem retirada do Livro *História da Bruxaria* (p 11). É a Bruxa Má do Oeste, do filme O mágico de Oz (1939). Vestido preto, chapéu cônico e causando mal a criança, a velha feia, é o estereótipo perfeito de bruxa.



8

⁸ Imagem retirada do livro *A História da Bruxaria* (p 74). Chama-se **O Pesadelo**, por Henry Fuseli, de 1781. Representa um incubo, que em sua concepção moderna seria um demônio abusando sexualmente de uma mulher adormecida, mas na bruxaria acreditava-se que as bruxas se submetiam ao ato voluntariamente.



9



10

⁹ Imagem retirada do livro *A História da Bruxaria* (p 45). Imagem de Collin de Plancy, chamada *O Sabá*, seria uma vista panorâmica do sec. XIX que ilustra clichês relacionados a bruxaria, tais como o voo, sacrifício de crianças na preparação do unguento mágico, veneração ao demônio, a dança e as farras.

¹⁰ Imagem retirada do livro *A História da Bruxaria*, a foto é de Doreen Valiente, de 1962, é a “avó da bruxaria moderna”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CLARK, Stuart. Pensando com Demônios. A ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna. São Paulo: Edusp, 2006.

JORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: Figuras de poder. Ver. Estud. Fem. Vol.3 no.2. Florianópolis, 2005.

KRAMER, Heinrich e. O martelo das Feiticeiras. Ed. Quatro, Rosa dos Tempos, 1991.

MARCONI, Momolina. Prelúdio das religiões: As bruxas. São Paulo: Paulus, 2008.

RUSSEL, Jeffrey B e. História da Bruxaria. São Paulo: Editora Aleph, 2008.